

Uma conversa com John O'Sullivan

Autor de O Presidente, o Papa e a Primeira-Ministra, Ronald Reagan, João Paulo II e Margaret Thatcher, Três Figuras que Mudaram o Mundo, recentemente publicado entre nós

Somos todos, de certo modo, prisioneiros do tempo em que vivemos e das nossas preferências e muitas das nossas análises sobre o passado recente reflectem isso mesmo. Ou porque estamos muito envolvidos e portanto incapazes de ter o distanciamento necessário para uma análise cuidada e objectiva, ou porque não conseguimos pura e simplesmente imaginar uma determinada época e olhamos para ela com os padrões do nosso tempo. Para todos aqueles que nasceram nos anos 70 é realmente muito difícil imaginar a atmosfera derrotista e pessimista desses anos e aos que nasceram nos anos 80 e seguintes, é igualmente difícil conseguir transmitir o que foi a Guerra Fria e a intensidade da ameaça comunista. Uma tarefa tornada mais difícil quando a visão académica dominante defende que a União Soviética estava condenada ao fracasso e que o homem que verdadeiramente liderou o fim da Guerra Fria foi Gorbachev.

É por estas razões que o livro de John O'Sullivan se revela extraordinário. Um livro que não só consegue recriar o ambiente derrotista do Ocidente nos anos 70 face ao comunismo, como também contar com grande mestria e uma escrita cativante o percurso extraordinário e, na altura, muito improvável, senão mesmo impensável, de Ronald Reagan, Karol Wojtyła e Margaret Thatcher. O'Sullivan considera-os “três mensageiros de esperança na vida política em oposição ao desespero” e que foram essenciais na derrota do comunismo.

O'Sullivan considera-os “três mensageiros de esperança na vida política em oposição ao desespero” e que foram essenciais na derrota do comunismo.

Tinham em comum uma capacidade de “rejeitar o pessimismo, realçar os pontos fortes estáveis da sociedade ocidental e de, em especial Ronald Reagan, ver as fraquezas da União Soviética e aperceber-se de que estas podiam ser exploradas.”

John O'Sullivan conta como no final dos anos 70 escreveu que “a imagem apropriada da União Soviética era a de um zombie, ou seja, uma criatura que estava morta mas invencível.” No entanto, esta não era a visão dominante que considerava a União Soviética eterna e o comunismo imparável. Por isso, como afirmou O'Sullivan, para muitos políticos a melhor abordagem “consistia em conceder o suficiente para adiar o pior.” Nos anos 70, os ataques terroristas multiplicavam-se, Saigão capitulava em 1975, o choque petrolífero de 1973 lançava o pânico, a União Soviética expandia-se a olhos vistos colocando vários desafios ao Ocidente, desde o apoio às guerrilhas de esquerda em golpes de estado e guerras revolucionárias no Terceiro Mundo, às suas bases no Vietname e invasão do Afeganistão. À excepção do raide de Entebbe efectuado por Israel para resgatar os seus cidadãos, que nas palavras de O'Sullivan foi “um breve momento de alívio e celebração”, o clima vivido era de desespero e os cenários eram apocalípticos.

No relacionamento do Ocidente com os países comunistas palavras como acomodação, apaziguamento, détente eram correntes. Esta abordagem também se fazia sentir na Igreja Católica, onde se pedia uma estratégia menos ortodoxa para se poder, nas palavras do Cardeal Casaroli “salvare il salvabile.” Karol Wojtyła nunca se sentiu tentado por esta atitude complacente com o comunismo, por uma *Ostpolitik*, pois sabia muito bem o que era viver sob um regime opressivo. Em vez disso, desenvolveu a ideia de resistência cultural, em que o objectivo não era antagonizar o governo comunista, mas sim ignorá-lo de modo a construir uma sociedade civil alternativa. Como afirma O'Sullivan, “os comunistas de forma muito inteligente acreditavam na colectividade, mas na verdade

fizeram com que todas as pessoas fossem indivíduos isolados para assim os poder dominar.”

Deste modo, o futuro Papa João Paulo II destruiu o comunismo espiritual e moralmente, uma estratégia que foi manifesta na sua visita à Polónia em Junho de 1979, em que ao dizer “Não tenhais medo!” dava aos polacos o conforto da esperança. Ronald Reagan destruiu o comunismo essencialmente do ponto de vista geoestratégico e Margaret Thatcher economicamente. Para O’Sullivan o papel da primeira-ministra britânica foi determinante pois “foi Margaret Thatcher e não Ronald Reagan que lançou a revolução mundial de privatizações, por exemplo, em sectores como o aço,

ninguém no início dos anos 70 a teria previsto pois como escreveu O’Sullivan, “Wojtyla era demasiado católico, Thatcher demasiado conservadora e Reagan demasiado americano.” Uma frase que caracteriza bem o espírito deste livro e que o autor nos revelou ser ter sido escrita na primeira tarde em que se sen-



O Papa João Paulo II, Ronald Reagan e Margaret Thatcher

indústria mineira e companhias de aviação. A privatização tornou-se uma exportação britânica para o mundo.” O’Sullivan realça que esta mudança foi muito difícil pois “no início dos anos 80, as pessoas pensavam que o socialismo era um sistema mais eficiente. No entanto, em consequência de 40 anos de más políticas éramos comparados com a economia da Alemanha Oriental. As greves paralisavam o país e Margaret Thatcher não só tomou conta desta situação, como a reverteu através de políticas muito duras e tornou a Grã-Bretanha na quarta maior economia do mundo numa década.” A Dama de Ferro pôs fim ao medo dos conservadores britânicos de que um governo tory nunca conseguiria vencer uma greve concertada dos mineiros e a força dos sindicatos.

A ascensão destas três figuras é notável e quase

tou para o começar a escrever. As coincidências também são impressionantes pois os três sofreram tentativas de assassinio: o primeiro foi Ronald Reagan a 30 de Março de 1981, seguido do Papa a 13 de Maio nesse mesmo ano e Margaret Thatcher a 12 de Outubro de 1984. Quer o presidente americano quer o Papa escaparam milagrosamente e como sugere O’Sullivan, de forma providencial, como se Deus tivesse desviado as balas. No entanto, o que sobressai neste livro é a relação entre este triunvirato em que “o pivot era claramente Reagan que tinha a confiança de Margaret Thatcher e de João Paulo II”.

Ronald Reagan acreditava que a política de détente era uma versão de apaziguamento e que o Império do

Mal era “uma aberração temporária que um dia desaparecia da terra porque era contrária à natureza humana.” O Papa e Ronald Reagan tinham uma relação muito especial e “o Papa disse, em 1982, que Ronald Reagan era um homem de paz.” Ambos acreditavam que a Polónia era a chave para o fim do império soviético. Na verdade, para o presidente americano, “a religião era o calcanhar de Aquiles dos soviéticos.” Esta parceria incluiu a partilha de *intelligence* americana sobre os movimentos soviéticos na Europa de Leste, bem como é claro, ajuda financeira e material para que o Solidariedade não fosse esmagado. Uma relação muito especial também caracterizava os la-

Ocidente sob Ronald Reagan e Margaret Thatcher. Económica e geopoliticamente.” A *perestroika* era o reconhecimento de que o Ocidente era superior à União Soviética em muitas áreas, mas como relatou O'Sullivan, eles nunca tiveram a intenção de que a reforma implicasse o colapso do sistema, mas trouxe o colapso da União Soviética e do sistema na Europa de Leste. O Papa tinha dito que “Gorbachev é um homem bom, mas o comunismo não é reformável” e para O'Sullivan, “Gorbachev foi, fundamentalmente, mais efeito do que causa.”

O autor considera que é “o elemento espiritual que melhor explica a força e as convicções destas três figuras.” E então onde iria hoje o Papa Bento XVI, seguindo as pegadas do Papa João Paulo II, dizer aos fiéis “Não tenhais medo!”? O'Sullivan responde dizendo que “se pensarmos no mesmo tipo de opressão então o Papa teria que ir a países como Cuba e outros países do Terceiro Mundo. Mas, do ponto de vista católico há outras duas ameaças. Uma é o secularismo e, como tal, deveria ir a Bruxelas. A visão religiosa da vida é uma visão legítima e que os fiéis não devem ser compelidos a deixar a sua religião em casa quando debatem no espaço público. A outra é a relação com a religião muçulmana.”

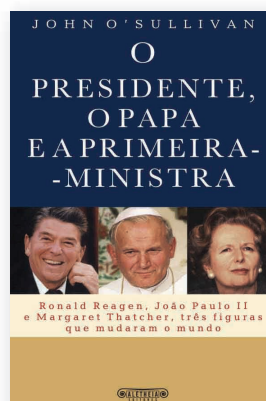
Ao longo do livro as chamadas “virtudes vigorosas”, nomeadamente a auto-confiança, diligência, honestidade e iniciativa, estão muito presentes. Para O'Sullivan, “eles triunfaram em parte porque não estavam muito preocupados com a sua imagem, embora a tenham tido em conta.” Se é certo que o Papa

João Paulo II foi, ao longo do seu pontificado, o Papa das multidões e dos meios de comunicação, também é verdade que tal exposição mediática nunca o desviou da sua rota.

No mundo de hoje onde se privilegia a forma em detrimento do conteúdo, o marketing e a gestão de imagem em vez do exemplo de liderança, não deixa de ser irónico que Ronald Reagan, Margaret Thatcher e o Papa João Paulo II se tenham tornado ícones do próprio século XX. Três ícones de fé, esperança e optimismo que na sua ascensão não se preocuparam em moldar a sua imagem e o seu discurso ao gosto efémero dos media e da sociedade, mas que se distinguiram justamente pela oposição à sabedoria convencional do seu tempo, convictos da sua mensagem e dos seus princípios.

ços que uniam Margaret Thatcher e Ronald Reagan, como o livro muito bem documenta. Entre a primeira-ministra britânica e o Papa a relação era de respeito mútuo, mas “nunca foi uma relação próxima, calorosa e emotiva.”

Quanto a Gorbachev, O'Sullivan considera que é, sem dúvida “alguém que merece o nosso reconhecimento por não ter enviado os tanques para tentar reprimir os europeus de leste.” Mesmo nos países bálticos, onde os soviéticos foram mais longe, acabaram por recuar de um confronto em grande escala. Para O'Sullivan, Gorbachev “ajudou a que o fim da União Soviética fosse pacífico. Mas, os instrumentos de poder já não estavam disponíveis e se ele quisesse manter a União Soviética, já não era possível.” É claro que o líder soviético era o representante de um grupo reformista, mas para o autor “a reforma tornou-se urgente devido ao ressurgimento do



**O Presidente, o Papa
e a Primeira Ministra:
Três Figuras que
Mudaram o Mundo**
John O'Sullivan

Alêtheia Editores, 2007